

Augusto Bozz

Universidade Federal do Rio
de Janeiro – UFRJ

ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-5723-2158>

Email:

augusto_bozz@hotmail.com

Pensar e escrever a história das emoções hoje e ontem

*Thinking and writing the history of
emotions today and yesterday*

*Pensar y escribir la historia de las
emociones de hoy y de ayer*



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

BOZZ, A. Pensar e escrever a história das emoções hoje e ontem.
Revista Eco-Pós, v. 25, n.2, p.398-406.
<https://doi.org/10.29146/ecops.v25i2.27946>.

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27946

RESUMO

O terceiro volume da série *História das emoções* intitulado *Do final do século XIX até os dias atuais* é um projeto que toca a nervura de nosso tempo. Publicado no Brasil pela Editora Vozes, o volume pretende investigar como, em contrapelo à modernidade, as emoções se tornaram centrais para a maneira dos indivíduos compreenderem a si mesmos e como o social passou a pulsar segundo a lógica do sensível. O livro possui vinte e seis capítulos que, apesar da pluralidade de filiações teóricas e metodológicas de cada autor, busca apreender as emoções lá onde se supõe que ela não tem história alguma. Sem dúvida, é um livro rico para a área da Comunicação, seja pela sua elucidação de caminhos investigativos, seja pela sua proposição de ferramentas conceituais.

PALAVRAS-CHAVE: *Emoções; Genealogia; História; Atualidade.*

ABSTRACT

The third volume of the series *History of emotions* entitled *From the end of the 19th century to the present day* is a project that touches the vein of our time. Published in Brazil by Editora Vozes, the volume intends to investigate how, in opposition to modernity, emotions have become central to the way individuals understand themselves and how the social began to pulse according to the logic of the sensible. The book has twenty-six chapters that, despite the plurality of theoretical and methodological affiliations of each author, seeks to apprehend emotions where they are supposed to have no history. Undoubtedly, it is a rich book for the area of Communication, whether for its elucidation of investigative paths, or for its proposal of conceptual tools.

KEYWORDS: *Emotions; Genealogy; History; Present.*

RESUMEN

El tercer volumen de la serie *Historia de las emociones* titulada *Desde finales del siglo XIX hasta nuestros días* es un proyecto que toca la vena de nuestro tiempo. Publicado en Brasil por la Editora Vozes, el volumen pretende investigar cómo, en oposición a la modernidad, las emociones se tornaron centrales en la forma en que los individuos se entienden a sí mismos y cómo lo social pasó a latir según la lógica de lo sensible. El libro consta de veintiséis capítulos que, a pesar de la pluralidad de filiações teóricas y metodológicas de cada autor, busca apreender las emociones donde se supone que no tienen historia. Sin duda, es un libro rico para el área de la Comunicación, ya sea por su elucidación de caminos investigativos, o por su propuesta de herramientas conceptuales.

PALABRAS CLAVE: *Emociones; Genealogía; Historia; Actualidad.*

Submetido em 21 de Agosto de 2022

Aceito em 02 de Outubro de 2022

Introdução

Em 2017, Alain Corbin, Jean-Jacques Coutirne e Georges Vigarello publicaram, pela *Éditions du Seuil*, o terceiro volume da coletânea *Histoire des Émotions. Tome 3. De la fin du XIXe siècle à nous jours*, cuja tradução para o português, de responsabilidade da Editora Vozes, foi “História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje”. Este tomo nos chega apenas em 2020, um pouco a reboque dos eventos políticos da última eleição presidencial que agitaram as fibras sensíveis dos brasileiros. Entre a folha de rosto e a bibliografia, o livro conta com 731 páginas. Destas, 681 são dedicadas a vinte e seis capítulos, todos organizados em cinco eixos temáticos que permitem passar de uma reflexão epistemológica à análise empírica e ontológica das emoções. Cada capítulo foi redigido por um pesquisador diferente, o que faz do livro um material interdisciplinar rico em olhares tão díspares quanto agregadores. Nas últimas páginas, pode-se ler a biografia acadêmica de cada autor, percorrer seus projetos de pesquisa, as áreas de interesse e suas obras já publicadas.

O livro prolonga outros dois tomos, a saber: “1. Da Antiguidade às Luzes” vasculha, através de arquivos que permeiam tratados políticos às peças de teatro, como o período antigo, medieval e o início do Iluminismo pensaram, questionaram e instituíram nos corpos as emoções; “2. Das Luzes ao final do séc. XIX” oferece uma visão ampla sobre como as mais diversas ciências apreenderam as emoções e como os indivíduos, imersos nos estímulos das nascentes cidades industriais, estilizaram e valorizam suas sensações. Os dois tomos encontram-se resenhados neste mesmo dossiê. Mas a coletânea “História das emoções” também prolonga outros projetos já consagrados dos mesmos proponentes. Em 2007, a Editora Vozes traduziu e publicou a coletânea “História do corpo” e, em 2013, a coletânea “História da virilidade”. Ambas possuem três volumes que, assim como a coletânea resenhada neste dossiê, têm mais ou menos o mesmo recorte temporal. Não se pode ler a trilogia “História das emoções” sem compreender, portanto, o esforço teórico já empreendido pelos autores. Ele oferece um trabalho histórico minucioso e acumulado no campo do corpo e dos modos de ser. Com a ajuda dos trabalhos precedentes, podemos “mergulhar sempre mais fundo na compreensão histórica do continente sombrio de nossos medos e de nossas dores, bem como o de percorrer a extensão infinita de nossas alegrias

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufri.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27946

e de nossos prazeres” (Courtine, 2020, p. 14). É claro que, se o leitor ou a leitora desejar, pode folhear cada capítulo independentemente do esforço precedente dos autores. O livro permite uma leitura descontínua. Mas paga-se o preço de cessar o diálogo com o que já foi dito e pensado, suspendendo as palavras do tempo que as gestaram.

Sem serem intransigentes com a história e com o método, os organizadores do livro deixam claro que, para escreverem sobre as emoções do período antigo até os dias atuais, foi preciso ter em mente que o termo emoção não assume o mesmo sentido e o mesmo valor a cada época. Eles não partem de um biologismo das emoções – vale dizer, predominante no campo de estudo –, assim como não partem de um nominalismo radical, fortemente relativista. De uma ponta a outra, o livro circunscreve as diversas experiências históricas das emoções. Assim, ainda que determinadas práticas tenham sua relativa consistência, os sentidos são fluidos e deslizam a cada momento, dificilmente capturáveis se houvesse uma interpretação unívoca de suas emergências¹. Os autores decidiram recobrir com o termo emoção “o continente dos afetos, dos sentimentos e das culturas sensíveis” (*op. cit.*, p. 11).

O objetivo do volume “3. Do final do século XIX até hoje” é entender como as emoções se tornaram centrais para a maneira dos indivíduos compreenderem a si mesmos e como o social passou a pulsar segundo a lógica do sensível. Partindo do pressuposto de que, a partir do final dos anos de 1880, a razão moderna deu sinais de esgotamento, de modo a não mais reger e orientar os excessos das emoções, os autores lançam-se sobre essa virada fulminante que contagia sensivelmente o contemporâneo. Em outras palavras, o final do século XIX presencia “a emergência de formas inéditas de observação e de reflexão sobre as emoções humanas, que vão colocá-las no centro da vida individual, política e social” (*op. cit.*, p. 9). O homem sensível, inventado pela modernidade, deixa a zona do normal e do patológico para ingressar na cafetinagem do capitalismo, que ora estimula os contágios emocionais, ora os regula para melhor vendê-los. As emoções ingressam também na ciência (biologia, neurologia e psicologia, por

¹ O terceiro volume é redigido por vinte e seis pesquisadores que, como já dito, formam um mosaico interdisciplinar a respeito do objeto “emoção”. Mesmo que cada pesquisador tenha sua filiação teórica e metodológica, não se pode negar a herança filosófica de Michel Foucault na escrita dos organizadores. Muito próximo do projeto foucaultiano da “História da sexualidade”, no qual o filósofo francês dedicou em vida três volumes e um póstumo, as emoções abarcam mais um “campo de experiência” do que uma realidade dada previamente em que as épocas e as interpretações apenas acrescentariam seus adornos (Cf. a introdução do segundo volume da História da Sexualidade, Foucault, 2018).

exemplo) como traços universais que enfatizam a agitação mental e física dos indivíduos. Assim, elas são passíveis de serem medidas, quantificadas e maximizadas nas tomadas de decisões, não apenas, como antes, como pontos de desvio da normalidade necessário de correção. Por último, porém não menos importante, as emoções, doravante companheiras da razão e do capital, ingressam no campo das práticas sociais e políticas através da noção de “Sociedades de Massa”. No séc. XX, a fabricação ordinária das emoções, seja diante da rádio, seja nas arenas esportivas ou no discurso político, vibrava os corpos nos limites extremos do convívio humano: o medo, o ódio, o luto, a adrenalina, a raiva, a paixão, o horror contagiavam os sujeitos em um transe coletivo.

O primeiro eixo do volume, intitulado “Pensar as emoções”, se debruça sobre o campo epistemológico que dominou os estudos científicos das emoções ao mesmo tempo que lança luz sobre os novos modos de pensar o contemporâneo a partir das emoções. A partir da premissa de que as emoções são culturais, o eixo destrincha o modo como a antropologia, na vanguarda das ciências sociais, contribuiu para a análise da vinculação dos sentimentos ao pensamento, superando a dicotomia moderna entre emoções irracionais e conhecimento. Paralelamente, essa superação, que perpassou outros campos científicos, alimentou as abordagens cognitivas-comportamentais da psicologia e da neurobiologia. No lugar da razão solar, o sujeito passa a ser habitado por correntes fisiológicas e atitudes emocionais que o impulsionam a uma ideia e, por efeito, a uma ação. Pensar e ser se tornam a mesma expressão, de modo que é preciso uma nova alfabetização linguística para neutralizar termos negativos, como culpa, frustração, vergonha etc. Como emoções e ações humanas se ligam fortemente, o nosso século é de uma pedagogia política do sensível: fervilhar a multidão e mostrar como ela vibra com a ira ou a glória, se entusiasma ou se enfraquece ante um discurso, aclama ou desaprova uma medida do Estado. Sem dúvida, as técnicas corporais, como lançar um sermão católico ou erguer o punho, constitui o pilar dos dispositivos de sensibilização.

É neste ponto, em que cruza subjetividade, discurso e emoção, que o capitalismo se torna emocional, uma vez que investe suas rédeas, seus açoites e seus estímulos no psiquismo, mais precisamente, na felicidade do trabalhador. Para Eva Illouz e Yaara Alaluf (2020, p. 75), a noção de capitalismo emocional permite “descrever os diversos processos pelos quais a economia

capitalista e as emoções acabaram se entrecruzando e canalizando a subjetividade”, criando métodos que transformam o *eu* em mercadoria *self service*. A expressão de si do sujeito contemporâneo se liga às emoções positivas que tem de si mesmo, ao consumo de prazeres e felicidades, sem deixar, é claro, de ser altamente produtivo. Não decorreria daí certa “cultura do narcisismo”, com seu medo da vergonha e da humilhação, o receio de não corresponder a certas expectativas de sucesso? Certamente, entre o século XIX e o nosso, a moral da vergonha não deixou de existir, mas aparece com outra roupagem, outro modo de exercê-la e torná-la inteligível. O segundo eixo, em certa medida, detecta essa mudança da economia das emoções nas práticas mais ordinárias, como a educação infantil, a luta pelos direitos dos animais, o pensamento ecológico, o engajamento político e o maravilhamento da indústria do turismo. A maneira como o contemporâneo concedeu aos animais e à natureza o estatuto de atores e sujeitos, com características únicas e condutas singulares, fez com que eles ocupassem um papel importante na produção das emoções. Foi assim que, segundo Éric Baratay e Charles-François Mathis, tanto os animais como o planeta terra ganharam direitos antes negados.

O terceiro e quarto eixos buscam retrair algumas das experiências emocionais mais limítrofes, que definitivamente deixam suas marcas na história e na vida. Trata-se da *a.* dimensão do trauma proveniente das situações-limites de guerra e violência e da *b.* dimensão do adoecimento que nos coloca face a face com a expectativa da morte. Sabe-se o quanto o nazismo, o fascismo e tantos outros regimes políticos, incluindo aí as famosas sociais-democracias, perpetraram o horror do universo concentracionário, dos genocídios e dos massacres sem precedentes. Apesar de tudo, em meio a propagação do ódio próprio do apocalipse de guerra, que degrada e rebaixa a existência humana, houve centelhas lampejantes de afetos positivos, verdadeiras emoções humanitárias, empatias e comoções coletivas. Os capítulos de Richard Rechtman (“O que os genocidas sentem quando matam?”, página 337) e de Bertrand Taithe (“Empatias, cuidados e compaixões: as emoções humanitárias”, página 493) são certamente dois pontos extremos, mas que nas contrações frenéticas do cotidiano se encontram para formar um elo: genocidas são empáticos para metrificar a tortura e humanitaristas desprezam aqueles que, por desvio moral, rompem a sacralidade do humano. Duas faces opostas que nas dobras das emoções se encaram fatalmente. E as fibras compassivas dos genocidas são as mesmas do

médico, resistentes à dor do outro? Afinal, o “sofrimento expresso pelos pacientes foi por muito tempo objeto de uma desconfiança, até mesmo de uma negação por aqueles que o enfrentam; essas reações provocaram uma reticência persistente em aliviá-lo” (Carol, 2020, p. 401). Na medida em que o sujeito deve ser autor de seu próprio destino vital e os progressos terapêuticos avançam rapidamente, uma relativa indiferença e fadiga das emoções começam a habitar o cotidiano. Estaria aí uma das razões pelas quais a recente mortalha da pandemia de Sars-cov-2 não cansou alvoroço e comoção em alguns políticos, transformando-os, de acordo com o julgamento da mídia, em verdadeiros monstros?

O último eixo, talvez o mais prolífico para o Campo da Comunicação, interroga as emoções na dimensão do espetáculo, em seu duplo sentido: tanto como forma de apresentação artística (concertos, teatros, *shows* etc.) quanto como regime de socialização em que todas as emoções precisam, de alguma forma, estamparem as diversas telas que nos cercam (cinemas, séries televisivas, celulares, *Instagram* etc.). Ao assistirmos um filme, uma peça teatral ou escutarmos uma música experienciamos múltiplas emoções, rimos, choramos, tememos, ansiamos, enfim, descobrimos-nos portadores de todas elas e aprendemos não só como manifestá-las semelhante ao outro, mas justamente quando expressá-las, o sentido comunicativo inerente a cada uma. Aprendemos mimetizando as sensações que os meios de comunicação nos oferecem e, igualmente, as devolvemos teatralmente nas telas, este grande espelho de nós mesmos, palco de nossas apaixonadas performances. Quem poderia imaginar que hoje o festejo de aniversário, todo o ritual de canções, velas e bolos, seria substituído pelas graciosas imagens nos *storys* do *instagram*? É de tela em tela que vivemos emotivamente. Com este espanto, o capítulo de Oliver Mongin (“Telas: o grande laboratório dos afetos”, página 666) aponta para essa diabólica maquinaria que cria uma alquimia entre paixões íntimas e eventos coletivos. Ele encerra o terceiro volume da coletânea “História das emoções”.

Apesar de denso, instigante e rico em suas abordagens, o livro deixa de lado algumas questões quantíssimas, como a relação entre as emoções, o negacionismo, as *fake News* e o discurso de ódio. Os recentes casos da covid19 e das eleições de presidentes da extrema-direita, como o Trump nos Estados Unidos e o Bolsonaro no Brasil, sinalizam o importante papel das emoções na condução do espaço sociopolítico. A revista Eco-Pós publicou recentemente um

dossiê sobre o tema². É claro que a proposta dos autores do terceiro volume da série “História das emoções” não é abranger todas as facetas do contemporâneo. Estas lacunas certamente serão preenchidas com pesquisas e estudos ainda em elaboração. Mas seu pioneirismo já acende uma luz faroleira que guiará, certamente, muitas interrogações. A parte disso, para o Campo da Comunicação, o livro oferece uma instigante perspectiva ao abrir um vasto caminho de análise que ousa elidir o império da Linguagem e dos Meios: o papel das emoções na sustentação e conformação das mais finas, tênues e cotidianas práticas comunicacionais. Não é que as emoções foram deixadas de lado pelos teóricos da comunicação. Qualquer estudante da área conhece as pesquisas sociológicas de Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, a Escola de Chicago, Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld e muitos outros que se interrogaram sobre o comportamento emocional das massas. Todavia, o livro escapa da abordagem das emoções como efeito para compreendê-la como experiência, lá onde nenhum signifiante e nenhum meio de comunicação se salvam de ser também o joguete do sensível. Melhor: como ontologia histórica de nós mesmos.

Referências bibliográficas

CAROL, A. Decadências corporais: diante da doença e da morte. In: *História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020, p. 390-414.

COURTINE, J. Introdução. In: *História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

ILLOUZ, E.; ALALUF, Y. O capitalismo emocional. In: *História das emoções: 3. Do final do século XIX até hoje*. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

² https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/issue/view/1292. Acesso em 19/08/2022 as 22h17.

Augusto Bozz - Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista doutorado nota 10 da Faperj. Membro do Núcleo de Pesquisa NEMES - Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade. Atualmente, investiga os jogos de verdade que caracterizam a prática do testemunho contemporâneo e suas relações com as emoções na fabricação da comunicação.

Email: augusto_bozz@hotmail.com

Dossiê **O Choque dos Acontecimentos: Retórica e Política das Comoções Públicas**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 25, n. 2, 2022

DOI: 10.29146/ecops.v25i2.27946